

Volkswagen e GM elevam preços dos carros outra vez

Secretário de Acompanhamento Econômico fecha acordo com os laboratórios para que remédios não aumentem agora

Luiz Carlos Santos

Wagner Gomes, Sueli Campo,
Marcelo Rehder, Cristina Canas
e Ledice Araujo

• SÃO PAULO. O preço dos carros vai subir outra vez, desta vez por conta do aumento da alíquota da Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins), de 2,65% para 3,65% no setor. A Volkswagen decidiu reajustar suas tabelas em torno de 3% e 5%. O reajuste vai valer para todos os modelos e será anunciado oficialmente hoje pela montadora. Mas o aumento já foi comunicado ontem à sua rede de concessionárias. A Volks já havia reajustado seus preços em até 5,5% na semana passada, com a justificativa de compensar o aumento do custo cambial. Não será a única.

GM já havia aumentado seus carros há duas semanas

Também hoje a General Motors vai abrir suas portas com tabela nova, mas a montadora afirmou que o percentual só será informado às vendas nas primeiras horas do dia.

Ontem, de acordo com informações da própria GM, nenhum carro foi faturado — já prevendo o reajuste de preços. Duas semanas atrás, a montadora já havia aumentado seus carros em até 5,5%.

Com o reajuste aplicado pela Volks, um Gol Special, de mil cilindradas, o carro mais barato da montadora, passará a custar R\$ 13.072,05. A expectativa é que Ford e Fiat também anunciem novos aumentos nos próximos dias.

Yamaha também deverá aumentar seus preços

Depois de cinco anos sem aumentar seus preços, a Honda Motocicletas não resistiu à pressão do câmbio e da carga fiscal e começou a trabalhar ontem com uma nova tabela. Os reajustes das motos variam de 6,30% a 9,45%, conforme o modelo. O presidente da Associação Brasileira de Distribuidores Honda, Renato César Scarante, disse que inicialmente a montadora planejava um reajuste médio de 14%.

A Yamaha deverá ser a próxima a aumentar os preços, mas os percentuais não foram divulgados.

Custo médio da cesta básica subiu para R\$ 123,62 em SP

Apesar da queda-de-braço entre varejo e fornecedores em torno dos preços, o consumidor já está pagando mais por vários produtos da cesta básica. Só no último fim de semana, a alta foi de 1,34%. Segundo pesquisa diária do Procon-Dieese, as altas foram lideradas pelos produtos da alimentação, que registraram aumento médio de 1,44% entre sex-

ta-feira e ontem. Ontem, o custo médio da cesta básica estava em R\$ 123,62 — 3,1% acima dos valores registrados no último dia 21 de janeiro.

Considera diz que imposto sobre exportação pode subir

O secretário de Acompanhamento Econômico, do Ministério da Fazenda, Cláudio Considera, começou a semana numa maratona para evitar que o nervosismo do mercado cambial contamine os preços. Ele já tem o que comemorar. Ontem pela manhã, Considera fechou um acordo com a indústria farmacêutica, pelo qual o preço dos remédios não sofrerá qualquer alteração este mês. Eventuais reajustes serão estudados caso a caso e só poderão ocorrer a partir do mês que vem e de forma parcelada, para diminuir o impacto no bolso do consumidor.

José Eduardo Bandeira de Mello, presidente da Associação Brasileira da Indústria Farmacêutica (Abifarma), disse que os laboratórios estão dispostos a abrir mão de parte de sua margem de lucros. Mas querem, como contrapartida do Governo, a redução das alíquotas do Imposto de Importação incidente sobre os insumos do setor.

Supermercadistas garantem: não haverá desabastecimento

O secretário, que também esteve reunido com os produtores de frango, confirmou a realização de leilões de milho e café para amenizar o aumento de custos do setor.

O presidente da Associação Brasileira dos Supermercados (Abras), José Humberto Pires de Araújo, garantiu que os aumentos de preços não vão provocar desabastecimento, mas disse que os empresários do setor vão buscar marcas alternativas em casos de altas abusivas.

Segundo o presidente da Associação Paulista dos Supermercados, Omar Assaf, os empresários estarão levando ao Governo seu conhecimento na composição de custos de fornecedores de diversos setores para que fique mais fácil a identificação de altas injustificadas.

Para o presidente da associação no Rio, Aylton Fornari, a negociação de preços entre o varejo e a indústria ficará mais fácil com a participação do Governo.

— Nós não podemos pedir ao fornecedor sua planilha de custos para questionar os aumentos, mas o Governo pode tomar essa medida. Nós estaremos alertando para os aumentos que forem ocorrendo — diz Fornari.

Os supermercados estão repassando aos poucos os reajustes aplicados pelas indústrias após a desvalorização do real. ■



O SECRETÁRIO Claudio Considera, à direita, em reunião com representantes dos supermercados, em São Paulo: acordos e novos leilões para segurar preços